

O MOVIMENTO LEGENDÁRIOS À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Danilo Alves Rocha¹

RESUMO

O presente artigo analisa criticamente o movimento Legendários à luz da teologia reformada. Iniciado na Guatemala em 2015 e com crescente adesão no Brasil, o movimento propõe restaurar a masculinidade por meio de experiências intensas em ambientes naturais, como a subida à montanha, associada a práticas de exaustão física, sigilo e rituais de pertencimento. Embora atraia milhares de participantes, inclusive celebridades, a proposta do Legendários levanta preocupações teológicas relevantes. A análise aborda quatro aspectos principais: o pragmatismo e o experiencialismo como critérios de validação espiritual; a fusão entre estratégias de *marketing* e a mensagem do evangelho; a construção de um discurso messiânico centrado na experiência e não na cruz; e o uso de técnicas que provocam mobilização emocional coletiva, assemelhando-se a fenômenos de contágio psicológico. A teologia reformada, fundamentada em princípios como *sola Scriptura* e *solí Deo gloria*,

¹ Doutor em Missiologia (PhD.) pela North-West University da África do Sul; Mestre em Divindade pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Professor de Plantação e Revitalização de Igrejas do Seminário Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller em Belo Horizonte e da Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FitRef) e pastor da Igreja Presbiteriana Central de Palmas no Tocantins.

contrapõe-se à centralidade de experiências místicas emocionalmente induzidas como meios de transformação espiritual. Conclui-se que, embora o movimento possa gerar frutos aparentes e mudanças comportamentais, sua estrutura e discurso carecem de alinhamento com os fundamentos bíblicos da fé reformada. O artigo propõe que igrejas reformadas ofereçam respostas pastorais que valorizem a suficiência das Escrituras e a ação ordinária dos meios de graça pelo Espírito Santo, evitando a dependência de métodos intensivos e emocionalmente manipuladores.

Palavras-chave: Teologia Reformada; Masculinidade Cristã; Legendários; Pragmatismo Religioso.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o conceito de masculinidade tem ocupado um espaço de crescente destaque no cenário mundial, tanto em esferas seculares quanto no contexto cristão. É nesse contexto histórico de interesse renovado pelo conservadorismo e o papel do homem na sociedade, que se observa a ascensão, no meio evangélico, do movimento denominado Legendários. Esse movimento tem como objetivo central resgatar a masculinidade dos homens, utilizando como principal método a vivência de desafios em ambientes naturais, por meio de uma subida à montanha, a fim de proporcionar uma experiência de reconstrução identitária e espiritual.

A narrativa interna do grupo enfatiza esse processo de restauração por meio da metáfora da "reconfiguração original", comparando o homem a um computador que precisa ser restaurado ao seu estado inicial. Portanto, o movimento Legendários “visa restaurar o homem omissor, assim como um computador que precisa ser restaurado para a configuração original. O homem na montanha passa por esse processo de restauração” (PAPO À VISTA, 2023). De acordo com o site oficial do movimento, o Legendários é descrito como:

(...) uma iniciativa que busca a transformação de homens, famílias e comunidades por meio de experiências que incentivam os homens a encontrar a melhor versão de si mesmos e a explorar seu novo potencial. Trazer de volta o herói caçador para cada família é um *statement* que temos como Legendários, que tem levado à formação de homens inquebrantáveis diante do pecado, porém quebrantados diante de Deus” (LOS LEGENDÁRIOS, 2025).

O Brasil configura-se atualmente como o país com o maior número de participantes do movimento Legendários, contando com mais de 40 mil adeptos, número que segue em crescimento exponencial a cada nova edição. Embora a ascensão de uma mentalidade conservadora do papel masculino no contexto sociopolítico nacional seja um dos fatores que explicam a expansão do movimento, outro aspecto relevante é a adesão e divulgação por parte de figuras públicas e influenciadores digitais que atribuem à iniciativa uma transformação significativa em suas vidas pessoais.

Entre os nomes mais destacados estão Thiago Nigro (conhecido como “Primo Rico”), Thiago Fonseca, Joel Jota, Caio Carneiro, o *coach* Paulo Vieira, Gustavo “Tubarão”, Flávio Augusto e Neymar pai — havendo inclusive especulações sobre a possível participação do próprio Neymar. Os líderes religiosos Deive Leonardo e Thiago Brunet, além de personalidades como Ricardo Martins, Pablo Marçal e lutadores de renome internacional como Lyoto Machida, Maurício Shogun e Ronaldo Jacaré (O CASAL LEGENDÁRIO, 2025).

Diante da expressiva expansão do movimento no contexto evangélico brasileiro, e considerando a escassez de material teológico com abordagem reformada que trate criticamente sobre o tema, torna-se necessária uma análise do Legendários à luz da Teologia Reformada. Tal reflexão visa oferecer subsídios pastorais e eclesiológicos às igrejas reformadas que têm sido direta ou indiretamente impactadas por esse fenômeno contemporâneo.

BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO

O movimento Legendários foi fundado em 23 de julho de 2015, na Guatemala, pelo pastor Chepe Putzu, vinculado à Igreja *Casa de Dios*, uma igreja neo-pentecostal da teologia da prosperidade. O início se deu com a participação de 109 homens em um evento denominado, à época, REC (*Rect Extremo de Carácter*), atualmente conhecido apenas como TOP (Track Outdoor de

Potencial). A motivação central, segundo o próprio fundador, emergiu da percepção de que os homens estavam em débito com suas esposas, filhos, igreja e comunidade. Assim, o propósito inaugural do movimento consistia em proporcionar aos homens um caminho para "pagar essa dívida" através de experiências transformadoras e espiritualmente intensas (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023).

Durante o primeiro encontro, Putzu redigiu, em um pedaço de papel, os lemas que seriam os pilares do movimento, formulando um tipo de grito de guerra recitado em formato de diálogo responsivo entre líderes e participantes. O rito segue o seguinte padrão:

- “*Legendários, o que somos?*” – “*Homens inquebrantáveis!*”
 - “*Para que estamos aqui?*” – “*Para fazer história!*”
 - “*A serviço de quem?*” – “*De Jesus!*”
 - “*E o que vamos fazer?*” – “*Dar a vida pelos nossos amigos!*”
- (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023).

Além dessa simbologia discursiva, o fundador instituiu a prática de atribuir a cada participante um número individual, inspirado, segundo ele, em uma revelação divina. A proposta era transmitir a singularidade e a importância de cada homem dentro do movimento, promovendo senso de pertencimento e identidade. O primeiro número, Legendário número 001, foi atribuído a Jesus. Esse elemento numérico, segundo Chepe, promove um sentimento de

apropriação, reforçando que não existe outro legendário igual (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023).

A introdução do Legendários no Brasil ocorreu em 2017, por meio do pastor Ricardo Bernardes, da Igreja Embaixada do Reino de Deus, localizada em Balneário Camboriú, Santa Catarina. Bernardes liderou um grupo de dez homens de sua congregação para participar de um desafio TOP na Guatemala. De modo semelhante do que foi falado por Chepe Putzu, Bernardes expressa sua preocupação com a omissão masculina frente à sociedade, à família e à fé cristã, associando tal omissão à falta de posicionamento, integridade e compromisso bíblico (PAPO À VISTA, 2023).

Durante sua estadia na Guatemala, o pastor relata ter vivenciado uma experiência espiritual intensa durante um culto neopentecostal na Igreja *Casa de Dios* no qual afirma ter recebido uma “palavra profética” acerca do impacto que o movimento teria ao ser implementado no Brasil. A partir desse episódio, o Legendários passou a ser desenvolvido e expandido no território brasileiro (PAPO À VISTA, 2023).

O QUE ACONTECE NA MONTANHA?

Um dos grandes desafios na pesquisa sobre o movimento Legendários é a escassez de material acadêmico ou documental que descreva de maneira clara e sistematizada as atividades realizadas durante os eventos denominados TOP. Essa ausência decorre,

sobretudo, de dois fatores principais: primeiramente, o caráter recente do movimento, o que limita a produção de estudos acadêmicos a seu respeito; em segundo lugar, a própria diretriz do movimento, que orienta os participantes a manterem sigilo absoluto quanto às experiências vividas na montanha.

Dessa forma, as informações apresentadas nesta seção foram obtidas por meio de relatos disponíveis na internet, testemunhos pessoais de participantes, mantidos em anonimato para protegê-los de eventuais represálias internas. Embora não haja fontes acadêmicas consolidadas sobre as práticas do movimento, a análise crítica oferecida na parte final deste artigo se fundamenta por obras acadêmicas e de literatura teológica reformada.

Com base nos relatos reunidos, é possível reconstruir parte da dinâmica do evento que se inicia em uma quinta-feira. Os participantes, chamados inicialmente de senderistas, são reunidos em um local pré-determinado, eles já haviam sido instruídos antecipadamente a levar apenas uma bagagem mínima, contendo um colchão fino, barraca para acampar, e itens de necessidade básica para estar em um ambiente externo na natureza (LEGENDÁRIOS, 2025). Nesse mesmo local, antes da partida, são organizados pequenos grupos denominados “famílias”, composto por números variados, normalmente de 10 a 14 integrantes. Cada grupo recebe uma numeração (ex.: Família 1, Família 2, etc.). Curiosamente, no Brasil, ainda por causa da onda de conservadorismo, aboliu-se a

designação “Família 13”, por razões atribuídas à conotação político-partidária.

Antes de chegar ao local, os alimentos que os participantes podem ter levado são recolhidos, sendo-lhes fornecida uma quantidade restrita de mantimentos como macarrão instantâneo (miojo), atum enlatado, suco etc. Segundo os líderes do movimento, tais alimentos contêm os nutrientes mínimos necessários para preservar a saúde, embora o objetivo explícito seja submetê-los a uma experiência de privação alimentar ao longo das 72 horas de duração do evento.

O local do acampamento não é revelado aos participantes. Durante o trajeto de ônibus até o destino, são impedidos de visualizar o percurso, geralmente por meio de películas pretas nas janelas do veículo. Os aparelhos celulares são recolhidos, mantendo os participantes completamente incomunicáveis durante todo o processo. A comunicação com os familiares é feita exclusivamente pela organização, que envia mensagens, imagens e vídeos através de grupos no *WhatsApp*, nos quais estão inseridos esposas e familiares. As mensagens, geralmente de cunho espiritual ou motivacional, são utilizadas para tranquilizar os entes queridos, com frases como: “Está tudo certo com ele”; “Vai orando que Deus está fazendo uma obra na vida dele”; “Ele retornará um homem transformado”.

Durante os dias na montanha, os participantes enfrentam longas caminhadas, atividades físicas intensas inspiradas em treinamentos militares, desafios exaustivos e alguma restrição de

alimentos e água. No entanto, após o falecimento de Fábio Adriano Machado Cherini, de 44 anos, ocorrido durante uma edição do evento na região do Rio Negro, em Mato Grosso do Sul, o movimento passou a demonstrar maior atenção com relação à hidratação dos participantes (UOL, 2025).

Durante o percurso na montanha, os participantes que manifestam desejo de desistir são desencorajados de forma incisiva, muitas vezes por meio de estratégias inspiradas em treinamentos militares. Gritos de incentivo, que funcionam, na prática, como mecanismos de pressão psicológica, são dirigidos àqueles que demonstram sinais de fraqueza ou hesitação, sendo-lhes dito que estão “abandonando suas famílias” ao considerar a desistência. A lógica empregada é coletiva: quando um indivíduo falha, todos devem arcar com as consequências. Nesse sentido, o grupo é instado a carregar os pertences (como barracas e colchões) do colega que cogita abandonar a jornada, reforçando a ideia de responsabilidade mútua e fraternidade forçada pela masculinidade que precisa ser desenvolvida.

Ao longo do trajeto, os participantes são submetidos a um regime disciplinar rígido, hierarquizado, que emula a estrutura de um exército. Ordens são constantemente dadas por aqueles que já participaram anteriormente do TOP e que agora estão lá para ajudar na coordenação do evento, e qualquer tentativa de recusa, questionamento ou desistência por parte dos iniciantes é penalizada com “castigos” físicos ou humilhações simbólicas. O objetivo

declarado do movimento, segundo os organizadores, é reconstruir o arquétipo do “homem forte e inquebrantável”, promovendo uma reconfiguração da masculinidade por meio de uma espécie de “reprogramação mental”.

A identidade do “verdadeiro legendário” é adquirida apenas ao final do TOP. Após sua conclusão, ele é considerado apto a ser um legendário recebendo inclusive um número individual, símbolo de sua “formação concluída”. Relatos e registros em vídeos disponíveis na internet mostram que, ao longo do doloroso processo, e nos momentos finais, é comum a manifestação intensa de emoções por parte dos participantes. Muitos choram, ajoelham-se em oração e abraçam-se mutuamente. Tais comportamentos são interpretados pelos organizadores como expressões de “quebrantamento espiritual”, reforçando a ideia de que os legendários devem ser “inquebrantáveis diante do pecado, mas quebrantados diante de Deus”.

Ministrações bíblicas, segundo relatos de participantes, são breves e ocorrem em momentos esporádicos de pausa. A ênfase do evento recai, predominantemente, sobre os desafios físicos, a privação sensorial, e a reprogramação comportamental por meio de discursos motivacionais e disciplinadores.

Narrativas místicas também permeiam os testemunhos dos participantes. Muitos relatam que durante o trajeto suas mochilas se tornaram “milagrosamente leves”, o que é atribuído a uma intervenção espiritual (KINGDOM EMPRESÁRIOS, 2023). A

condução do evento, por líderes de orientação teológica pentecostal e neopentecostal, favorece que participantes dessas denominações expressem manifestações como a glossolalia (falar em línguas). Com isso, há a crença de que determinadas experiências sobrenaturais ocorrem exclusivamente na montanha, sendo consideradas sinais de um mover espiritual específico naquele ambiente.

Importa destacar que, embora haja variações de intensidade na aplicação dessas práticas entre diferentes localidades onde o Legendários é realizado, o *modus operandi* do movimento apresenta relativa uniformidade em todo o território onde atua.

O encerramento do evento TOP é marcado por uma recepção festiva organizada para os participantes e suas famílias. As esposas, filhos e amigos aguardam com cartazes e manifestações de entusiasmo o retorno dos homens que completaram a subida da montanha, celebrando a superação do desafio como um marco de transformação pessoal e espiritual. Essa recepção é seguida por um culto festivo, que inclui os chamados “gritos de guerra”, testemunhos emocionados, e, em alguns casos, apresentações coreografadas que exaltam a masculinidade restaurada e reafirmada.

Mesmo após o fim do tempo que se sobe a montanha, a experiência e vivência dos legendários é continuada. Os homens passam a se reunir de forma periódica, tanto presencialmente quanto em ambientes virtuais, organizados por meio dos grupos que receberam numeração durante o evento (Família 1, Família 2, etc.). Tais encontros visam manter os vínculos, a identidade construída e

a “chama acesa” que seria o fervor espiritual e de masculinidade baseado na formação e transformação com os princípios adquiridos.

As esposas dos participantes também passam a integrar um núcleo denominado *Ladies*, cuja função é apoiar o processo de transformação dos maridos e criar um vínculo feminino paralelo de suporte e espiritualidade. Acredita-se que esse envolvimento familiar é capaz de contribuir para a consolidação de uma comunidade coesa e emocionalmente engajada com a missão do movimento.

ANÁLISE DO MOVIMENTO À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA

A presente análise crítica do movimento Legendários, à luz da teologia reformada, será conduzida com base em quatro eixos principais: (1) pragmatismo e experiencialismo; (2) fusão entre *marketing* e evangelho; (3) messianismo redentivo; e (4) manipulação emocional em massa.

1. *Pragmatismo e experiencialismo*

O primeiro aspecto a ser considerado é a inclinação pragmatista do movimento. “O pragmatismo, em termos filosóficos, sustenta que o valor de uma ideia ou prática reside em suas consequências práticas” (MACARTHUR, 1997:6-7). Dentro da lógica do Legendários, essa abordagem se manifesta na ênfase sobre a eficácia do método como critério de validade espiritual. A

transformação pessoal dos participantes, frequentemente traduzida em relatos como “meu marido mudou”, “sou um novo homem” ou “sou uma pessoa melhor”, é apresentada como evidência irrefutável da utilidade e do valor do movimento.

A mensagem implícita, e, por vezes explícita, é a seguinte: *aceite o movimento pelos resultados que ele produz*. Tal postura coloca as Escrituras em segundo plano, substituindo a centralidade da Palavra pela experiência subjetiva e pelos frutos visíveis de mudança comportamental. A lógica é: *se funciona, então é certo*, uma premissa típica do pragmatismo religioso. Lidório (2018:9) alerta para esse fenômeno ao destacar o risco de se adotar o pragmatismo como norte orientador da missão cristã. Em suas palavras: “o perigo do pragmatismo está associado à metodologia e ao processo da missão, pois promove um apelo ao ponto de vista prático, inclinando os envolvidos a focarem mais nos resultados do que nos fundamentos teológicos”.

Essa abordagem, centrada na eficácia e na mensurabilidade de resultados imediatos, é cada vez mais presente no cenário missionário contemporâneo, em que princípios de gestão, *coaching* e lógica empresarial são incorporados às estratégias evangelísticas. Contudo, sob a ótica reformada, a missão da igreja é inseparável da soberania divina e da suficiência das Escrituras. O sucesso da missão não repousa sobre a estrutura do método, mas sobre o poder transformador da Palavra de Deus.

A metáfora do carteiro deve ser evocada para ilustrar a seguinte visão: ao entregar uma carta que anuncia uma herança, o carteiro é apenas o portador, não o causador da boa notícia. Da mesma forma, pregadores, métodos ou estruturas não são agentes eficazes em si mesmos, mas instrumentos nas mãos do Deus soberano. Quando o método se torna o centro da transformação, como ocorre no discurso do movimento Legendários, há indícios claros de que o antropocentrismo pragmático já tenha se infiltrado de forma sub-reptícia na mensagem.

Ao afirmar que o método do Legendários é superior a todos os demais, como algumas falas dos participantes sugerem, corre-se o risco de confundir o instrumento do Reino com o próprio Reino. A glória e os méritos da conversão pertencem exclusivamente a Deus, o doador da graça, e não aos métodos humanos nem àqueles que os aplicam.

O pragmatismo, quando adotado como princípio orientador das ações eclesiais, tende a produzir uma série de distorções na vida da igreja. Uma das mais recorrentes é a ênfase excessiva em resultados imediatos visíveis e quantificáveis, tais como crescimento numérico, impacto emocional instantâneo e alcance midiático. Essa lógica, ao privilegiar aquilo que “funciona”, frequentemente conduz ao esvaziamento de uma liturgia teocêntrica, substituindo-a por modelos de adoração moldados às preferências do “consumidor religioso”. Em nome da atratividade e da relevância cultural, corre-

se o risco de diluir o conteúdo doutrinário, subordinando a pregação ao apelo popular e às dinâmicas de mercado.

Esse deslocamento do foco teológico para o desempenho estatístico compromete não apenas a profundidade espiritual da comunidade, como também sua fidelidade às Escrituras, um dos pilares centrais da tradição reformada. Nessa perspectiva, a parte mais afetada é o culto que deixa de ser centrado em Deus para tornar-se uma ferramenta de engajamento emocional e eficácia motivacional centrada no homem.

Além disso, o pragmatismo pode fomentar um tribalismo eclesiástico, no qual a identidade comunitária é construída sobre afinidades socioculturais ou experiências comuns (como a participação em eventos específicos), e não sobre os fundamentos bíblicos e a confissão de fé cristã. Isso gera um senso de pertencimento baseado em critérios externos à fé, criando divisões implícitas entre “os que participaram” e “os que não participaram”, estabelecendo uma espécie de elitismo espiritual ou superioridade espiritual dentro da própria igreja.

A teologia reformada, por outro lado, enfatiza que a igreja de Cristo deve ser conformada à imagem do seu Senhor e não aos modelos e movimentos culturais ou tendências eclesiológicas contemporâneas. A fidelidade bíblica transcende estratégias, nichos ou tribos, e convida a igreja a viver em unidade, não segundo afinidades temporais, mas segundo a eterna verdade da Palavra de Deus.

2. *Fusão entre marketing e evangelho*

A proposta do movimento Legendários, ainda que adaptada ao contexto contemporâneo, apresenta similaridades significativas com a abordagem de John Eldredge em sua obra *Coração Selvagem*. Eldredge defende a ideia de que o homem possui uma identidade essencialmente selvagem e que seu amadurecimento pessoal está intimamente ligado à busca por desafios e aventuras. Em contraposição a essa perspectiva, Phillips (2019:15-19), no livro *Homens de Verdade*, oferece uma crítica teológica fundamentada, afirmando que *Coração Selvagem* gerou confusão prática e doutrinária entre cristãos sinceros, ao propor um ideal masculino construído fora do “jardim”, ou seja, desvinculado do contexto bíblico da aliança e da vocação divina para o homem.

Essa crítica também pode ser aplicada ao movimento Legendários, que surge em meio à crescente onda conservadora de nossa sociedade e se propõe a restaurar o papel masculino com base em uma masculinidade estereotipada de força, unidade entre os homens, entre outros. No entanto, ainda que o movimento identifique corretamente a crise da masculinidade bíblica e demonstre boa intenção, a resposta que oferece é insuficiente e, por vezes, desvinculada do evangelho. A identidade proposta pelo movimento está mais próxima ao modelo militarista e de superação física como base da transformação, representado na simbologia de “subir a montanha”, do que de uma compreensão teocêntrica, pactual e bíblica do chamado masculino ordenado por Deus. Embora haja

menções ao evangelho e evocação à figura de Jesus, como no título de “Legendário número 001”, tal uso parece mais simbólico do que teológico. Atribuir a Jesus essa identidade é tão anacrônica e inconsequente quanto afirmar que Ele seria “presbiteriano”, “batista” ou “assembleiano”. Trata-se de uma categorização imprópria e teologicamente imprecisa de Jesus.

No âmago da proposta, falta uma apresentação clara e completa do evangelho. O que se observa é a prevalência de uma lógica de “ministério movido a *marketing*”, na qual os princípios do mercado, e não as Escrituras, moldam a mensagem e as práticas. A masculinidade, nesse modelo, não é definida pelos parâmetros bíblicos, mas por estereótipos idealizados de masculinidade conservadora, muitas vezes enraizados em cultura de performance, força e competitividade.

Vale salientar que a tendência de busca pela fusão entre estratégias de *marketing* e o evangelho não são inéditas. Em contextos eclesiais modernos, observa-se o esforço de “embalar” o evangelho de forma atrativa, MacArthur (1997:20) destaca a diferença fundamental entre marketing e evangelho e como pensam e agem aqueles que querem fundir estas duas realidades:

O mundo é hábil em captar a atenção e os sentimentos das pessoas. A igreja, por outro lado, tende a ser muito pobre na ‘venda’ de seu produto. Portanto, o evangelismo deve ser visto como um desafio de *marketing*, e a igreja deveria colocar o evangelho no mercado da mesma forma que todas as empresas

modernas colocam seus produtos. Isso requer mudanças fundamentais.

O movimento Legendários parece incorporar essa lógica. Seu idealizador possui formação em *marketing*, o que se reflete nas características do movimento: uso de camisetas padronizadas que chamam a atenção com a cor laranja, numeração pessoal, gritos de guerra, campanhas com influenciadores digitais, vídeos promocionais, sigilo sobre as atividades (o que aumenta a curiosidade e o apelo), broches, adesivos. Ou seja, há uma grande movimentação financeira por meio de inscrições e vendas de produtos, além do fato de o movimento operar no formato de franquia, cuja adesão envolve a aquisição de direitos por parte de igrejas locais.

No livro, de autoria do fundador, o relato de sua trajetória pessoal enfatiza seu “espírito empreendedor”, com base em uma experiência de sucesso na venda de gravatas aos 19 anos, quando comercializou 83 unidades. Seu relato de produtividade espiritual está fortemente vinculado à lógica de desempenho comercial, o que reforça o caráter mercadológico que permeia todo o movimento (PUTZU, 2025:8-9).

A crítica quanto à fusão entre estratégias de *marketing* e ministério cristão é aprofundada por MacArthur (1997:20) por meio de denúncia quanto ao risco de distorções graves quando os princípios do mercado passam a reger as ações da igreja. Segundo ele, há autores que defendem que a saúde espiritual da igreja depende

da adoção de abordagens promocionais e de apelo popular. No entanto, MacArthur adverte que, embora essa proposta possa parecer moderna e perspicaz, ela carece de respaldo bíblico.

De acordo com sua análise, ao tornar os princípios do marketing o critério para validar a verdade, oculta-se ou omite-se seletivamente partes do evangelho que não se adequam aos moldes promocionais. A mensagem do evangelho é então remodelada, mantendo a aparência de ortodoxia, mas, em sua essência, passa a ser uma mistura entre evangelho e marketing. Ele afirma de forma contundente: “Não se engane, a nova filosofia está alterando a mensagem que a igreja anuncia ao mundo, embora muitos que propagam essas ideias considerem-se leais à doutrina bíblica” (MACARTHUR, 1997: 20).

O ministério reformado e o *marketing* eclesiástico são dois caminhos opostos, enquanto o primeiro se preocupa em ser fiel a Deus o segundo pensa no sucesso por meio de estratégias de atração. Nesse contexto, as chamadas “iscas evangelísticas”, são supervalorizadas, enquanto a centralidade das Escrituras é relativizada. O evangelho, nesse cenário, deixa de ser uma mensagem de redenção proclamada com fidelidade e torna-se um pacote ajustável às expectativas do público-alvo.

Portanto, o problema do marketing misturado com o evangelho, conforme Dever e Alexander (2015:74) afirmam, é que:

Não devemos querer que nossas apresentações ou convites do evangelho sejam moldados por aquilo que pensamos que “consumará a venda”. Se nossa apresentação do evangelho for moldada desta forma, isso revelará que entendemos a conversão como algo que podemos orquestrar; e tal entendimento não corresponde à verdade.

Em uma cultura moldada pelo imediatismo, pela estética e pelo consumo, é natural que muitos se sintam mais atraídos por estímulos de alto impacto do que pela simplicidade da cruz, que confronta o ego, requer arrependimento e convoca a uma transformação conforme o caráter de Cristo. A fusão entre *marketing* e evangelho tende a produzir nas pessoas uma constante demanda por novas doses de entusiasmo e motivação, como se a permanência na igreja dependesse de estímulos sempre renovados. Isso nos alerta à verdadeira obra do Espírito, que não se revela na intensidade emocional momentânea, mas na fidelidade à Palavra e nos frutos evidenciados na vida ordinária dos que seguem a Cristo.

3. *Messianismo redentivo*

O conceito de messianismo redentivo diz respeito à crença de que determinado movimento, grupo ou líder é dotado de um papel singular e indispensável na condução do indivíduo à salvação, transformação ou realização plena. Trata-se de uma estrutura discursiva que posiciona uma experiência específica como mediadora entre o ser humano e a redenção, seja ela espiritual, emocional ou existencial. Em termos práticos, essa narrativa constrói

a ideia de que fora daquele ambiente ou método não há transformação possível.

Embora o movimento Legendários não verbalize essa pretensão de forma explícita e doutrinária, ela se manifesta nas falas de seus participantes e líderes, como pode ser observado em diversos testemunhos públicos. Um deles declara: “Toda experiência que você passa lá, a única coisa que lhe resta é ter fé em Deus” (TVERICHIM, 2024).

Essa declaração aponta para um tipo de reconstrução espiritual no qual a redenção é o único caminho possível para aqueles que sobem a montanha. O princípio que subjaz é que há uma obra redentiva irresistível para todos os que participam do movimento.

O criador do movimento Chepe (PAPO À VISTA, 2025) diz o seguinte a respeito do Legendários: “Eu me dei conta de quando alguém vai a um retiro, geralmente estes retiros tratam do que Jesus fez por você. Mas, o Legendários trata de tudo que você tem deixado de fazer para Jesus, trata de ajudar a Cristo a carregar a cruz.” Tal declaração põe a redenção centrada no homem e não na obra suficiente de Cristo. Outro testemunho, de um participante, intensifica esse discurso:

Quero sinceramente te dizer que você não precisa ir ao Legendários, você merece, todo homem merece passar por uma experiência transformadora como essa. Eu pude ver, em apenas três dias, o que muitos homens não conseguem alcançar em dois ou três anos: uma verdadeira transformação de vida. A verdade é que, muitas vezes, tudo o que você precisa está a um encontro com a pessoa certa” (LEGENDARIOS_PARACATUMG: 2025).

Aqui, a linguagem carrega traços explícitos de um discurso redentor. O evento é elevado à condição de necessidade universal "todo homem merece", e a transformação prometida é apresentada como radical, definitiva e exclusiva. A estrutura do discurso sugere que a montanha, e o movimento que a organiza, é o espaço privilegiado onde ocorre essa reconfiguração existencial que, de outro modo, levaria anos ou nunca aconteceria. A afirmação de que "tudo o que você precisa está a um encontro com a pessoa certa" reforça a ideia de um mediador ungido, em um tempo e local específicos, para a transformação da vida, neste caso o *legendário 001* que se encontra na montanha.

A teologia reformada, contudo, rejeita qualquer forma de mediação espiritual fora da obra suficiente de Cristo e da instrumentalidade ordinária da Palavra e dos sacramentos. A salvação e a transformação do ser humano não estão atreladas a experiências na natureza, ou a métodos de exaustão física como sendo métodos especiais.

Assim, o discurso messiânico em torno do Legendários desloca a centralidade da graça para a experiência, do Cristo suficiente para o método exclusivo. O resultado é uma espiritualidade centrada na montanha e não na cruz; em um evento pontual e não na ação contínua do Espírito Santo por meio da Palavra.

Ainda, observando falas de participantes que atribuem à experiência na montanha um valor singular e insubstituível na conexão com Deus, denotando assim esse caráter redentivo messiânico do movimento, nota-se a seguinte declaração de um dos legendários em um programa de televisão: “A maneira como as pessoas se conectam a Deus lá é inexplicável” (TVERICHIM, 2024).

O resultado é que o movimento ocupa, na vida dos participantes, um espaço quase sacramental, onde uma transformação espiritual e a maturidade masculina são alcançadas não somente pelo método, mas pelo caminho necessário para se alcançar tais realidades.

A fé reformada reafirma que somente os meios de graça estabelecidos por Deus pode gerar tal transformação, a saber: a Palavra de Deus, a oração e os sacramentos mediados pela ação do Espírito Santo e não por estruturas emocionalmente intensificadas ou programações cuidadosamente roteirizadas.

Além de tal mensagem do movimento ir contra os preceitos da fé reformada, a abordagem do Legendários transmite a ideia de que a masculinidade bíblica é forjada não pela conformação com Cristo revelado nas Escrituras (Romanos 8.29), mas por subir à montanha. Tal discurso atribui à experiência montanhosa um *status* espiritual privilegiado, fazendo com que qualquer crítica pareça não apenas inadequada, mas quase ofensiva a algo que é percebido como sagrado. O movimento, então, torna-se não apenas um método, mas

um caminho necessário, e quase exclusivo, de acesso à maturidade espiritual masculina.

Esse fenômeno de transformação única circunscrita a uma forma ou a um movimento não é novo. Movimentos como o G12, a Glossolalia (dom de línguas como evidência de espiritualidade superior), o “cair no poder de Deus”, e outros modismos eclesiais da espiritualidade contemporânea já operaram segundo essa mesma lógica: criar um tipo de crente diferente que experimentou níveis superiores de fé por meio de experiências místicas em eventos específicos. O resultado comum é o sectarismo, a alienação da vida comum da igreja, resistência à liderança eclesial e, muitas vezes rachas de igrejas.

4. *Manipulação emocional em massa*

O movimento Legendários não apenas propõe uma transformação espiritual e comportamental, mas também estrutura seus eventos de maneira a provocar uma intensa mobilização emocional coletiva. Embora a base teórica do movimento não esteja sistematizada em um manual doutrinário, alguns de seus princípios podem ser observados no livro *A Rota do Caçador*, de autoria de seu fundador, Chepe Putzu (2025). Nesse livro, embora não haja detalhamento sobre o que ocorre na montanha, encontram-se fundamentos filosóficos e simbólicos que estruturam a proposta do movimento.

Um conceito central na obra é o de “manada”, termo que evoca o instinto coletivo de pertencimento e ação conjunta, inspirado no comportamento de grupos predadores. Para Putzu, Jesus foi o maior líder da história porque “teve fome de conquistar territórios e salvar milhares de pessoas”, e, por isso, formou uma equipe com visão e ambição. Ele afirma: “Jesus tinha ambição somada à visão [...] ele sabia que, para cumprir essa visão, era necessário fazer parte de uma manada” (PUTZU, 2025:91–92).

Esse modelo apresenta uma compreensão de Cristo fortemente influenciada por princípios de liderança empresarial e discursos motivacionais, aproximando-o mais de um estrategista corporativo do que do Servo Sofredor descrito nas Escrituras. No contexto do Legendários, a masculinidade de Jesus, bem como a dos participantes, deve ser vista a partir de uma ambição que é fortalecida na união de homens caçadores. Tal desejo de conquista e da valorização de estereótipos tradicionais de virilidade é a marca distintiva do movimento. Nota-se, portanto, que o eixo central dessa construção não se ancora na relação pactual com Deus, como preconiza a teologia reformada, mas na experiência de pertencimento a um grupo exclusivamente masculino. Putzu (2025:93) exemplifica essa concepção ao afirmar: “Quero falar de uma manada especial, um grupo em que você pode ser você mesmo sem que ninguém lhe julgue. Em que sua esposa não está presente para ver seus defeitos, nem sua mãe para repreendê-lo”.

Trata-se, portanto, de uma masculinidade nos moldes de uma “irmandade de caçadores”, cuja espiritualidade é focalizada e validada no ambiente intra-masculino. À luz da teologia reformada, essa proposta mostra-se incompatível com a doutrina da união com Cristo, que afirma que nossa identidade está na união com Jesus (Efésios 1.4-6; Gálatas 2.20), e não em vínculos fraternos ou estruturas sociais humanas. Lógico que a consequência da nossa união com Cristo é a união com os irmãos, porém, além de ser um aspecto derivado, ainda assim é com todo o corpo de Cristo, com a igreja de Deus, e não com uma manada específica, de forma a ser tribal.

O modelo de grupo ao estilo manada adotado pelo Legendários ativa, de forma evidente, o que na psicologia social é conhecido como *histeria coletiva* ou *contágio emocional*. O conceito, estudado por autores como Gustave Le Bon, descreve a perda parcial da identidade individual em contextos de multidão, quando emoções intensas são amplificadas por estímulos externos e pelo comportamento do grupo. Le Bon (2020:32-33) observa que, sob certos estímulos, uma coletividade pode agir de modo emocional e impulsivo, com redução da crítica racional, fenômeno que ele denomina contágio mental. No Legendários, esse processo é potencializado por diversos fatores interligados, dos quais cito três deles:

Exaustão física e privação de conforto

A privação de sono, alimentação e conforto físico altera significativamente a disposição mental dos participantes, tornando-os mais vulneráveis a sugestões e comandos externos. Em estados de cansaço extremo, a capacidade crítica diminui e a tendência à conformidade com o grupo aumenta.

Discursos de valorização pessoal e superação

As mensagens proferidas no evento frequentemente reforçam a ideia de superação, força interior e reconfiguração de identidade. Essas falas, em um ambiente de intensa carga emocional, geram um efeito de euforia coletiva. Os participantes sentem que estão, de fato, vivendo uma mudança profunda.

Trabalho com memórias dolorosas e emoções latentes

Durante o evento, são exploradas memórias traumáticas, frustrações pessoais e conflitos familiares. A evocação dessas experiências em grupo e em um ambiente de forte carga emocional gera respostas afetivas intensificadas, muitas vezes interpretadas como “cura interior” ou transformação espiritual. Esse efeito é semelhante ao verificado em palestras motivacionais ou em contextos de várias experiências religiosas de massa e treinamentos corporativos de alto impacto.

Adicionalmente, o *efeito de conformidade*, estudado por Asch (1987:258) evidencia que indivíduos tendem a adotar as atitudes e comportamentos do grupo, mesmo quando contradizem sua lógica pessoal. Isso explica por que, no ambiente do Legendários, muitos homens passam por experiências intensas, como choro, oração fervorosa ou sensação de “encontro com Deus”, ainda que, em contextos normais, não reagissem dessa maneira.

Importa destacar que o fenômeno do *contágio emocional* ou da *histeria coletiva* não implica, necessariamente, que as emoções vivenciadas nesses eventos sejam inautênticas ou ilusórias. Pelo contrário, são emoções reais, porém intensificadas por um contexto cuidadosamente construído. A combinação de exaustão física, discursos de superação e exploração de memórias dolorosas cria um ambiente propício às catarses emocionais e experiências profundas. E, pode ser que uma pessoa, sendo discipulada e acompanhada, se converta de fato. Porém, toda essa técnica de *contágio emocional* e *histeria coletiva*, segundo a teologia reformada não é conversão.

Essas experiências podem, de fato, produzir efeitos positivos de curto prazo, como força psicológica, senso de pertencimento e motivação pessoal. No entanto, sem um acompanhamento pastoral consistente e sem o enraizamento na vida comunitária da igreja e na exposição regular às Escrituras, tais impactos tendem a ser efêmeros ou, no pior dos casos, gerar expectativas irreais de mudança espiritual jungida as frustrações por não ter sido realmente

transformado, que por sua vez gera dependência recorrente de novas experiências intensas.

Dever e Alexander (2015:74), ao refletirem sobre os métodos evangelísticos contemporâneos, alertam que:

Muitos pastores bem-intencionados nunca pretendem manipular qualquer pessoa, para que ela se arrependa e creia. Mas alguns dos métodos que usamos em compartilhar o evangelho podem ser sutilmente manipuladores, quer os percebamos assim, quer não.

Tal discernimento pastoral é essencial: a fidelidade à verdade do evangelho exige não apenas a integridade da mensagem, mas também a sobriedade dos meios. Quando a emoção substitui a convicção, e a experiência ocupa o lugar da Palavra, a transformação pode até parecer realizada, mas com o tempo percebe-se que faltou raízes espirituais suficientes que produzem a perseverança, como no caso da parábola do semeador.

CONCLUSÃO

Lucas 9.46–50 oferece um *insight* interessante para uma reflexão teologicamente orientada e equilibrada. Nesse relato bíblico, os discípulos demonstram preocupação com um homem que expulsava demônios em nome de Jesus, embora não fizesse parte do grupo apostólico. A resposta de Jesus, porém, é contundente: “Não o impeçais, pois quem não é contra vós outros é por vós” (Lucas

9.50). Essa declaração de Jesus revela que o pertencimento a um grupo específico não é o critério definitivo para se identificar um verdadeiro servo de Cristo. Ser do Senhor não é, necessariamente, ser de um grupo, mas sim, ter sido alcançado pela graça e viver de forma coerente com os valores e a missão do Reino de Deus.

A inquietação de João, expressa em sua tentativa de exclusão do homem que “não nos segue” (v. 49), revela um espírito de exclusivismo ministerial, que não se baseava na ausência de fé ou frutos espirituais por parte do indivíduo, mas na falta de pertencimento a um grupo, a saber, dos apóstolos. A crítica implícita de Jesus é à lógica de fechamento e julgamento, frequentemente presente em tradições religiosas que tendem a restringir a atuação divina aos seus próprios grupos ou limites organizacionais. Portanto, visa-se nessa análise fugir deste erro, ao se criticar o movimento Legendários.

Destarte, dois aspectos centrais são salientados. O primeiro consiste em reconhecer que, mesmo um movimento como o Legendários não plenamente alinhado à ortodoxia reformada, não o enquadra automaticamente na categoria de heresia. Há distinção entre heterodoxia e heresia. Assim, não se pode negar que Deus possa operar em contextos que não espelham plenamente os padrões confessionais reformados. Todavia, o segundo aspecto é igualmente necessário: a constatação de frutos espirituais e mudanças de vida não exime o movimento de uma análise crítica à luz das Escrituras. Pelo contrário, ela a exige.

A avaliação reformada fundamenta-se em dois princípios inseparáveis: *sola Scriptura* (a suficiência das Escrituras) e *solí Deo glória* (a glória de Deus). À luz desses dois princípios, constata-se que muitos elementos presentes no Legendários são incompatíveis com os fundamentos bíblicos da fé cristã, especialmente no que tange à suficiência dos meios ordinários de graça e ao risco do antropocentrismo experiencial. Qualquer tentativa de harmonização entre esses dois princípios, o bíblico-reformado e o experiencial-pragmático, resultaria no comprometimento da essência de ambos.

Historicamente, movimentos heterodoxos serviram como catalisadores para que a igreja despertasse de sua complacência. Assim, este estudo também lança um alerta às igrejas reformadas e conservadoras: o zelo institucional, quando dissociado da missão e da vitalidade evangelística, pode conduzir à estagnação. A ausência de práticas regulares de evangelismo, substituídas por eventos pontuais, muitas vezes revela uma negligência quanto à identidade missional da igreja. A missão, conforme a perspectiva bíblica, não é um apêndice da igreja, mas parte de sua própria natureza.

Dessa forma, é necessário reafirmar que a missão da igreja possui duas dimensões inseparáveis: a adoração ao Deus trino e o evangelismo ativo de todos os povos. A fidelidade a essa missão exige não apenas ortodoxia doutrinária, mas também uma ortopraxia alinhada à soberania de Deus. A Palavra de Deus continua sendo suficiente, eficaz e poderosa para gerar vida, transformar corações e

edificar a igreja, independentemente das estratégias culturais ou dos modismos metodológicos que possam surgir.

Por fim, reconhece-se que os participantes do Legendários frequentemente buscam a Deus com sinceridade e boas intenções. Entretanto, a boa intenção não é critério bíblico e teológico suficientes. O chamado bíblico permanece: conformar-se à Escritura e não à cultura. A fé reformada pode oferecer uma resposta pastoral e doutrinária equilibrada não apenas aos que passaram pelo movimento, mas a todos que desejam viver uma espiritualidade centrada em Deus, alicerçada na Palavra e não em experiências pessoais isoladas e potencialmente efêmeras. As experiências, embora tenham valor, devem estar sempre subordinadas à autoridade da Palavra de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCH, Solomon. Social Psychology. Bristol: Oxford Science Publications, 1987.

DEVER, Mark; ALEXANDER, Paul. Igreja Intencional: Edificando seu ministério sobre o evangelho. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

KINGDOM EMPRESÁRIOS. Uma camisa que não se compra. Chepe Putzu. Kingdom Podcast. YouTube, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sb3zedQp-mU&t=1406s> Acesso em: 27 mar. 2025.

LE BON, Gustave. A psicologia das multidões. Lisboa: Editora Bookbuilders, 2020.

LEGENDÁRIOS. *Página inicial.* Legendários, 2025. Disponível em: <https://legendarios.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LEGENDARIOS_PARACATUMG. [Você não precisa ir ao legendários]. Instagram, 15 de jan, 2025. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DE2s0RTvKJD/?igsh=dDQ5cWFrdHdtZmVs> Acesso em: 27 mar. 2025.

LIDÓRIO, Ronaldo. Plantando igrejas. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

LOS LEGENDARIOS. *Página inicial.* Los Legendarios, 2025. Disponível em: <https://loslegendarios.org>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MACARTHUR, John. Com vergonha do evangelho. São José dos Campos: Editora Fiel, 1997.

O CASAL LEGENDÁRIO. *O que é o movimento legendários? Qual a verdade?* YouTube, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XhshSLBe45Y>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PAPO À VISTA. YouTube, 10 de ago. 2023. Disponível em: https://youtu.be/iibpa_zzJ1g?si=c9qKjtT9899xCezy. Acesso em: 27 mar. 2025.

PHILLIPS, Richard D. Homens de verdade: O chamado de Deus para a masculinidade. São José dos Campos: Editora Fiel, 2019.

PUTZU, Chepe. A rota do caçador: Guia definitivo para homens com fome de conquista. Belo Horizonte: Editora Relevantes, 2025.

TVERICHIM. Instagram, 8 de nov 2024. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DCHp09PuvE2/?igsh=MTdhaTlh anY5dDls> Acesso em: 27 mar. 2025.

UOL. *Participante de movimento cristão Legendários morre em trilha no MS.* São Paulo, 5 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/02/05/legendario-morto-trilha.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ABSTRACT

This article critically analyzes the Legendarios movement in light of Reformed theology. Initiated in Guatemala in 2015 and gaining increasing popularity in Brazil, the movement seeks to restore masculinity through intense experiences in natural settings, such as mountain climbing, combined with practices of physical exhaustion, secrecy, and rituals of belonging. Although it attracts thousands of participants, including celebrities, the Legendarios proposal raises significant theological concerns. The analysis addresses four main aspects: pragmatism and experientialism as criteria for spiritual validation; the fusion between marketing strategies and the message of the gospel; the construction of a messianic and redemptive discourse centered on experience rather than the cross; and the use of techniques that provoke collective emotional mobilization, resembling psychological contagion phenomena. Reformed theology, grounded in principles such as *sola Scriptura* and *solus Deo*

gloria, stands in contrast to the centrality of emotionally induced mystical experiences as means of spiritual transformation. The article concludes that although the movement may produce apparent fruit and behavioral changes, its structure and discourse lack alignment with the biblical foundations of Reformed faith. It proposes that Reformed churches offer pastoral responses that uphold the sufficiency of Scripture and the ordinary means of grace through the work of the Holy Spirit, avoiding dependence on intensive and emotionally manipulative methods.

Keywords: Reformed Theology; Christian Masculinity; Legendarios; Religious Pragmatism.